



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA

Katia Regina Pereira do Rosário

**LEDOR:** aquele que dá sonoridade aos textos

**BELÉM**  
**2017**

Katia Regina Pereira do Rosário

**LEDOR:** aquele que dá sonoridade aos textos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Biblioteconomia, do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal do Pará visando a obtenção do Grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. MSc. Telma Socorro Silva Sobrinho

Co-orientadora: Prof<sup>a</sup>. MSc. Joana Célia do Socorro Gomes de Andrade Martins.

**BELÉM**  
**2017**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
**Biblioteca do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas**

---

R789I Rosário, Katia Regina Pereira do.  
Ledor: Aquele que dá sonoridade aos textos / Katia  
Regina Pereira do Rosário. \_ 2017  
49 f.: il.; 30 cm.

Orientadora: Telma Socorro Silva Sobrinho  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Biblioteconomia) - Universidade Federal do Pará, Instituto de  
Ciências Sociais Aplicadas, Faculdade de Biblioteconomia,  
Belém, 2017.

1. Bibliotecas e deficientes. 2. Educação Inclusiva. 3.  
Leitura. I. Silva Sobrinho, Telma Socorro, *orient.* II. Título.

CDD: 22. ed. 027.663

---

KATIA REGINA PEREIRA DO ROSÁRIO

**LEDOR:** aquele que dá sonoridade aos textos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Biblioteconomia, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Pará.

Data de aprovação: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**Banca Examinadora**

---

Prof<sup>a</sup>. MSc. Telma Socorro Silva Sobrinho - Orientadora  
Mestre em Ciência da Informação  
Universidade Federal do Pará

---

Prof<sup>a</sup>. MSc. Joana Célia do Socorro Gomes de Andrade Martins - Coorientadora  
Mestre em Educação  
Universidade do Estado do Pará

---

Prof<sup>a</sup>. MSc. Jane Veiga César da Cruz

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Franciele Marques Redigolo

À minha mãe,  
Maria Regina Pureza Pereira  
(*in memoriam*)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente ao Senhor Nosso Deus, que cuida de todos os seus filhos não nos deixando desamparados em nenhuma das situações da vida.

Aos meus pais, Lucival Marinho Pereira e Maria Regina Pureza Pereira, que sempre me conduziram com amor e carinho e me influenciaram para buscar conhecimento e ser alguém melhor.

Aos meus irmãos, Leandro, Kely Cristina e Ronaldo, a minha cunhada Suelen que é como uma irmã e todos os meus familiares, sobrinhos que torceram por mim, quando da busca por este sonho.

Ao meu marido, companheiro e amigo Orivaldo Araújo do Rosário, pela compreensão nas minhas ausências, carinho, amor e respeito.

Aos meus filhos Camila Pereira e Rodrigo Pereira que sempre me ofertavam um abraço carinhoso e me confortavam diante das dificuldades nos estudos acadêmicos. Vocês são a razão do meu viver.

Para a minha orientadora a professora mestra Telma Sobrinho que aceitou o desafio de me conduzir no caminho da pesquisa, fortalecendo os sonhos de realização nessa nova profissão, meu muito obrigada.

Para as amigas Joana Martins, Mônica Carvalho, Elisangela Costa e Clóvis que tanto destinaram palavras de incentivo bem como empurrões diante de algumas fraquezas quando esmorecia. Obrigada a esse grandioso esquadrão de pessoas maravilhosas e humanas que a vida me ofertou.

Aos professores, da Universidade Federal do Pará do Curso de Biblioteconomia, que nos ensinaram muito mais que as disciplinas.

Aos amigos que o curso de Biblioteconomia presenteou-me: Tainara Cardoso, Samara Cordeiro, Nazaré Monteiro, Fabíola Wanzilier, Karina Aleixo, Lucilene Vulcão, Dayane Cristina, Maria de Fátima, Arlene Lopes. Vocês moram no meu coração.

À Direção da Biblioteca do ICED/UFGA representada naquele momento pela bibliotecária Bernadete Costa e aos amigos e colegas: Geisa, Sheysy, Thaís, Joanne, Ellen, Adrienne, Amanda, Potira, Júnior, Derik, Rayane Roldão e Nyla Carolina, que ali fiz durante o período em que estagiei. Todos fazem parte da construção de meu aprendizado.

Aos alunos da turma de Biblioteconomia ano de 2013, turno da manhã, meu muito obrigada pela parceria nesta caminhada.

Aos servidores da Faculdade, diretores, técnicos, estagiários, meus agradecimentos por contribuírem para meu bem-estar dentro da academia nesses anos de jornada.

## **Pra Quê?**

*Sara Bentes*

Se quiser me ajudar,  
pergunte primeiro se eu preciso.  
E se for me ajudar,  
entenda primeiro como.  
Se quiser que eu te reconheça  
então me diga teu nome.  
Se quiser mais poesia,  
então me cante tua canção.  
Se for me guiar,  
não me empurre à tua frente.  
Seja minha estrela guia  
abrindo o caminho pra mim.  
Se quiser que eu veja algo  
não aponte, faça a ponte,  
Com palavras, descrição,  
ou então me leve até lá...  
Se quiser me entender, não precisa esforço,  
não há nada demais!  
Assim como você e todo mundo,  
sou diferente de todo mundo.  
Sou única, sou cigana,  
sou do samba e sou da paz.  
Se quiser entender meu problema,  
feche os olhos e se olha.  
Veja suas idéias gastas,  
entenda que eu não tenho problema algum.  
Tenho apenas uma maneira diferente  
de ver o mundo...  
Me dê então um beijo daqueles  
que só você sabe dar.  
Pra que que a gente precisa ver?  
Sabe lá...  
Me cante aquelas canções  
que só você sabe cantar.  
Pra que que a gente precisa ver?  
Sabe lá...  
Quem não é diferente?  
Quem não tem dificuldades?  
Quem não é diferente? Me diz...  
Quem não tem dificuldades?  
Me diz...

## RESUMO

Analisa a importância do leitor para o acesso de pessoas com deficiência visual à informação, diante da existência dos programas eletrônicos. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de campo e descritiva. Utilizou-se neste estudo o levantamento bibliográfico, estudo e discussão teórica do papel do leitor e do ato de ler para pessoas com deficiência visual, bem como realização de entrevistas semiestruturadas, além da descrição e análise dos dados coletados. Teve sete participantes como sujeitos da pesquisa, sendo três leitores e quatro leitores (os quais apresentam deficiência visual). Considera-se que tanto os leitores digitais como os leitores humanos são bastante utilizados por esses usuários.

Palavras-chave: Leitor. Leitura inclusiva. Leitor.

## **ABSTRACT**

It analyzes the importance of the reader to the access to information by blind people, before the existence of the electronic programs. This is a qualitative, field-based and descriptive research. A bibliographic survey, theoretical study and discussion of the role of "ledor" and reading for people with visual impairment. As well as were made semi-structured interviews, and the description and analysis of the data collected were used in this study. There were seven participants as subjects of the research, with three lendors and four readers (who are blinds). It is considered that both digital lendors and human lendors are widely used by these users.

Keywords: "Ledor". Inclusive reading. Reader.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Imagem de um contador de histórias .....	21
Figura 2 –	Sherazade e o sultão .....	22
Quadro 1 –	Leitores de tela .....	25
Figura 3 –	Guia vidente .....	29
Figura 4 –	Ledor .....	30
Quadro 2 –	Perfil social histórico dos Sujeitos .....	36
Quadro 3 –	Roteiro de entrevistas com ledores .....	37
Quadro 4 –	Roteiro de entrevistas com usuários .....	37
Quadro 5 –	Início da experiência como ledor .....	37
Quadro 6 –	Participação em capacitação e orientação para ledores .....	38
Quadro 7 –	Situação em que atuou como ledor .....	40
Quadro 8 –	Pedidos comuns feitos durante a leitura .....	41
Quadro 9 –	Roteiro de entrevista aos usuários .....	41
Quadro 10 –	Sobre o auxílio de ledor e tipo .....	42
Quadro 11 –	Situação em que utiliza ledor .....	42
Quadro 12 –	Do uso dos recursos .....	43
Quadro 13 –	Preferência: ledor humano e digital .....	44

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>15</b>
<b>3</b>	<b>OS PROFISSIONAIS DA LEITURA: contador de histórias, ledor e guia vidente/áudio descritor .....</b>	<b>18</b>
<b>3.1</b>	<b>Ledor .....</b>	<b>23</b>
3.1.1	Conceitos .....	23
3.1.2	As variantes do ledor .....	24
3.1.3	O ledor como ferramenta de acesso a informação para as pessoas com deficiência visual .....	25
<b>4</b>	<b>LIVROS FALADOS DA LITERATURA PARAENSE .....</b>	<b>32</b>
<b>4.1</b>	<b>O descaso sobre nossa identidade .....</b>	<b>32</b>
<b>5</b>	<b>RELATO DE EXPERIÊNCIA .....</b>	<b>34</b>
<b>6</b>	<b>ANÁLISE E DISCUSSÕES .....</b>	<b>36</b>
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>46</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>48</b>
	<b>APÊNDICES .....</b>	<b>52</b>
	<b>APÊNDICE A - INSTRUMENTO DE PESQUISA (PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL) .....</b>	<b>53</b>
	<b>APÊNDICE B - INSTRUMENTO DE PESQUISA (LEDOR) .....</b>	<b>54</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Na história da humanidade houve diversas formas de registrar o conhecimento. Os primeiros registros foram as pinturas rupestres, desenhos que relatavam o cotidiano como: a caça, a pesca..., os pigmentos para colorir eram retirados da natureza: da terra, dos minérios, sangue e gordura animal, que foram feitos e deixados nas paredes das cavernas (BOCCHESI, 2010). A comunicação se dava através de uma linguagem em forma de grunhidos. Com o desenvolvimento da fala, a comunicação e a história são repassadas pela oralidade.

O advento da escrita veio modificar a forma de guarda e propagação do conhecimento. As primeiras escritas surgiram no Oriente Médio com os sumérios, foram do tipo cuneiforme<sup>1</sup> (QUEIROZ, 2016). Ler não era domínio de todos e sim dos sábios ou iluminados que praticavam a leitura para um seletivo grupo da sociedade.

Durante muito tempo, o ato de contar histórias foi o responsável pela disseminação e preservação da memória de um povo, sua religião, educação e cultura. Na maioria das vezes, os atores dessa prática de narrar, foram os anciãos. Essa incumbência lhes era designada por possuírem experiências de vida, conhecimentos e saberes que acumularam ao longo de sua existência e da herança (vasto acervo oral) que receberam de seus antecessores.

As mudanças e avanços na sociedade contribuíram para a inclusão de pessoas com deficiências, a chamada acessibilidade, dentre as quais abordará como tema nesta pesquisa, a deficiência visual e atuação do leitor como um canal entre a informação e o leitor/ouvinte.

A pesquisadora, discente do curso de Biblioteconomia, despertou para o assunto “letores” durante a participação em uma palestra intitulada “Vivências cotidianas de interação com pessoas deficientes visuais”, ocorrida no Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA), da Universidade do Estado do Pará. A palestra fazia parte da programação do projeto “Lamparina Acesa: literatura acessível”, que trabalha com a inclusão de pessoas com deficiência visual naquela instituição.

A deficiência visual compreende a baixa visão e a cegueira. A baixa visão também chamada de visão subnormal “ocorre quando o valor da acuidade visual

---

<sup>1</sup> Escrita em forma de cunha.

(percepção da nitidez, dos detalhes) corrigida no melhor olho é menor do que 0,3 e maior ou igual a 0,05 ou seu campo visual é menor do que 20° no melhor olho com a melhor correção ótica” (BRASIL, 2008). A cegueira, “ocorre quando o valor da acuidade visual corrigida no melhor olho é abaixo de 0,05 ou o campo visual menor do que 10° com a melhor correção ótica” (BRASIL, 2008).

Como futura profissional da informação, a pesquisadora percebeu que entre seus pares muitos desconhecem a leitura inclusiva, aquela que contempla a diversidade, e nesta pesquisa, as pessoas com deficiência visual (PcDV) e aqueles que praticam tal leitura, os leitores. Por esse motivo sentiu a necessidade de obter informações sobre a atuação dos leitores, conhecer e adentrar um pouco mais no universo das pessoas com deficiência visual e essa forma de leitura oferecida para eles. Viu, ainda, essa possibilidade na participação do projeto *Lamparina Acesa: literatura acessível*.

Outro fato que ocasionou a reflexão da pesquisadora sobre o tema em questão e que teve a oportunidade de vivenciar aconteceu durante o estágio na Biblioteca do Instituto de Ciências da Educação (ICED) que foi quando precisou atender uma PcDV e não sabia como auxiliá-la, assim quis conhecer, estudar e aplicar o conhecimento adquirido a fim de contribuir com a inclusão dessas pessoas nos espaços de atuação do bibliotecário.

Esta pesquisa tem o intuito de tornar-se relevante para a sociedade porque, traz um novo conceito de leitor e permite rerepresentá-lo, desta vez em uma perspectiva de inclusão, na qual ele torna-se muito importante, principalmente no que diz respeito à educação de pessoas com deficiência visual, atuando como facilitador do acesso à informação e formação dessas pessoas.

A tarefa do leitor inclusivo encontra apoio em instrumentos legais que regulam a acessibilidade como a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, nº 13.146, de 6 de julho de 2015, a qual é “destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais para a pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania” (BRASIL, 2015).

A carência de material específico para as PcDV (livro em *Braille*, áudio-livro, livro falado) é uma constante, dificultando a essas pessoas um melhor aprendizado. Elas enfrentam uma luta diária em busca de maiores informações para obter seu conhecimento. Barreiras sociais, socioeconômicas e geográficas também

contribuem para esse déficit educacional, sobretudo as barreiras atitudinais<sup>2</sup>. Diante desse quadro surgiu o questionamento: Qual a importância do leitor para o acesso de pessoas com deficiência visual à informação, diante da existência dos programas eletrônicos?

Este trabalho tem por objetivo geral: Analisar importância do leitor para o acesso de pessoas com deficiência visual à informação, diante da existência dos programas eletrônicos. E tendo por objetivos específicos:

- Descrever os vários tipos de leitor,
- Tornar conhecido o guia vidente/áudio-descritor;
- Investigar como está a produção de livros falados com a literatura paraense entre leitores voluntários.

---

<sup>2</sup> As barreiras atitudinais são geradas pelas atitudes e comportamento dos indivíduos, impedindo o acesso de outras pessoas a algum local, quer isso aconteça de modo intencional ou não.

## 2 METODOLOGIA

Nesta pesquisa, a metodologia terá abordagem qualitativa, na qual os dados são coletados e guardados para futura análise subjetiva do pesquisador (APPOLINÁRIO, 2007). Pretende-se buscar as informações sobre o ledor por meio das literaturas e das pesquisas sobre o assunto, a pesquisa bibliográfica, “aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc.” (SEVERINO, 2007, p. 122).

O trabalho foi realizado a partir das informações encontradas nos textos estudados. Primeiramente a busca foi feita através dos portais da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES), do Google acadêmico, Repositório da Universidade Federal do Pará (UFPA), bibliotecas da UFPA e outras literaturas.

Realizou-se ainda a pesquisa de campo, aquela em que, segundo Severino (2007, p. 123), “o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta dos dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos [...] [são] observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador”. O instrumento utilizado para a coleta será a aplicação de entrevista, que se fará, sem a intervenção de terceiros, ou seja, diretamente entre pesquisador e sujeito (s), Severino (2007).

As buscas do termo “ledor” foram feitas no portal da CAPES, no período entre 2011 e 2016. O resultado encontrado contou com 19 trabalhos, destes 18 são artigos e apenas um livro. Após a leitura dos resumos e das palavras-chave apenas um artigo apresentava relevância para com a pesquisa em questão. O título é “A formação, deficiência visual e ledores”, de Maria Cristina Dancham Simões<sup>3</sup>, nele tratou-se da relação entre estudantes com deficiência visual e ledores, com o objetivo de compreender o relacionamento estabelecido entre esses indivíduos a partir da sala de aula no Ensino Superior.

No repositório da Universidade Federal do Pará o resultado da pesquisa mostrou 02 trabalhos, são duas dissertações de mestrado com os títulos “Um passeio nos campos seria uma viagem pelo mundo”: linguagem e experiência em Dalcídio Jurandir” e “Lérias, letras, alegres ou tristes” do conto: oralidade e amor de Guimarães Rosa, no entanto, eles não trazem relevância para esta pesquisa.

---

<sup>3</sup> Publicado no Journal of Research in Special Educational Needs, August 2016, vol. 16, p. 255-258.

A busca pela coleta de dados, leitores e usuários de leitores (cegos), aplicou-se nos seguintes locais, na Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves, UEES José Álvares de Azevedo, Seção Braille da Biblioteca Central da UFPA. Os sujeitos pesquisados foram: três mulheres e quatro homens. Na FCPTN, especificamente na Seção Braille, contou com uma recepção positiva da pesquisadora por um dos responsáveis da seção, a bibliotecária Célia, que informou sobre a não atuação de leitores na seção, porém havia leitores em um passado próximo.

O motivo da ausência de leitores na seção Braille, segundo Célia, foi o avanço tecnológico, uma vez que atualmente existem programas de computador que leem os textos, são os sintetizadores de voz ou leitores de tela, como o Sistema Dosvox<sup>4</sup>, Softwares como o NVDA e JAWS, por exemplo. Há ainda a lupa eletrônica que auxiliam as PcDV quando são baixa visão. Desta forma não foi possível a entrevista com leitores nesse local. Ao ser feita a pergunta sobre o cadastro de antigos leitores, para que pudessem ser encontrados, a resposta foi que uma pane nos computadores da seção ocasionou a perda dos dados.

O levantamento de dados junto à instituição que trabalha na área da deficiência visual, a Unidade de Educação Especial Escola José Álvares de Azevedo, ocorreu em dois momentos para a realização da pesquisa com leitores e usuários de leitores, e foram concluídas as entrevistas com as duas categorias de sujeitos. Também a recepção da pesquisadora foi muito boa. Na Biblioteca Central da Universidade Federal do Pará, em sua Seção Braille, não há atualmente, leitores, mas vai em breve receber uma voluntária. Essas informações nos foram repassadas pelas bibliotecárias.

Desse modo, a pesquisa está estruturada em introdução e duas seções. A introdução apresenta a temática e os caminhos percorridos para o desenvolvimento da pesquisa, as consultas e as fontes utilizadas para o desenvolvimento desta.

A primeira seção apresenta a metodologia utilizada. A segunda seção aborda os atores orais: o contador de histórias, que é o leitor ancestral, a voz que remete aos antepassados e ecoa através dos tempos surgindo na voz das mães que narram histórias de fadas, das avós contando e cantarolando para ninar, as crias da

---

<sup>4</sup> Sistema de leitor de telas que utiliza sintetizador de voz.

casa grande, dos nossos avós. O **ledor** que pratica a leitura em voz alta para aqueles que não podem ler; Conceituações e variantes do “ser” ledor; e o ledor como ferramenta de acesso para as pessoas com deficiência visual à informação. O guia vidente/áudio-descritor, aquele que guia e descreve para as pessoas que tem deficiência visual. Será um breve apanhado sobre cada um deles.

A terceira seção traz como temática central o livro falado.

A quarta apresenta relato de experiência.

A quinta seção apresenta os resultados e análises das pesquisas e entrevistas deste trabalho.

A sexta seção exhibe a análise e discussões.

A sétima e última seção expõe as nossas conclusões finais.

### 3 OS PROFISSIONAIS DA LEITURA: contador de histórias, leitor e guia vidente/áudio descritor

- **O Contador de histórias**

Antes de falar sobre os profissionais da leitura um breve comentário sobre a prática de ler. Geralmente pensa-se em leitura como a decodificação dos símbolos, no entanto não se lê somente letras, lê-se também as imagens, o mundo, os gestos e expressões.

Almeida (2009, p. 26), discorre que:

Ler, segundo Freire, não é caminhar sobre as letras, mas interpretar o mundo e poder lançar sua palavra sobre ele, interferir no mundo pela ação. Ler é tomar consciência. A leitura é antes de tudo uma interpretação do mundo em que se vive. Mas não só ler. É também representá-lo pela linguagem escrita. Falar sobre ele, interpretá-lo, escrevê-lo. Ler e escrever, dentro desta perspectiva, é também libertar-se. Leitura e escrita como prática de liberdade.

A leitura mexe com o corpo e com a alma daqueles que a ela se “entregam”, porque ela seduz, chama a atenção do leitor. É comum este dizer que antes de se tornar um leitor fluente, ouviu muitas histórias.

Delega-se o gosto de ouvir histórias, geralmente às crianças pequenas que não sabem ler. Sendo que ouvir histórias, pode despertar a imaginação, a criatividade e muitos outros benefícios, crianças maiores, que já sabem ler, podem e devem também ser estimuladas através da contação de histórias. Segundo Elizagaray (*apud* ABRAMOVICH, 2008, p. 23):

Não deveríamos esquecer nunca que o destino da narração de contos é o de ensinar a criança a escutar, a pensar e a ver com os olhos da imaginação. A narração é um antiquíssimo costume popular que podemos resgatar da noite dos séculos, mas nunca tecnicá-la com elementos estranhos a ela. Usar *slides* ou qualquer outro meio de ilustração e distração é interferir e neutralizar a sua mensagem, que é sempre auditiva e não visual.

Para que se obtenha sucesso com a contação de histórias, causos, não se precisa de cenários encantadores, apetrechos ou artifícios para a sua execução. A narração só precisa de magia do contador e ouvintes ávidos por ouvi-las.

A voz da memória infantil ecoa nas pessoas, sempre aflora quando abrem um livro de contos, são vozes, na maioria das vezes, de uma avó contadora de histórias. O ato da leitura pode ser ensinado e partilhado entre leitores.

A leitura se aprende, nos entretemos com ela; ela exige esforço e constância; na linguagem corrente, a palavra *cultura* designa o hábito, seus efeitos. Nada espantoso que nossos menores de vinte anos rejeitem nisto o modelo, eles mesmos por e para quem está se instaurando um universo de neovocalidade; muitos leitores de poesia se aplicam em articular, na solidão de sua leitura, interiormente pelo menos os sons (ZUMTHOR, 2014, p. 66).

Aprende-se a ler as imagens, as letras e os sons, com o tempo vai tomando conta do leitor de qualquer idade, provoca o prazer que uma literatura oferece, seja de qual gênero for. Um dos locais onde acontece a maior difusão de leitura são as bibliotecas, espaço onde circula uma diversidade de pessoas e informações, sobretudo por possibilitar a consulta e o empréstimo de obras variadas.

Bortolini (2010, p. 15), comenta a respeito da oralidade *versus* escrita: “E essa valorização do escrito em detrimento do falado é visível na nossa sociedade em vários segmentos, como é o caso das escolas, que deveriam aproveitar para formar leitores a partir da oralidade”.

Quem, nunca, pelo menos uma vez na vida não se viu envolto nas teias da palavra dita. Como eram mágicas as noites escuras nos bairros ou sítios distantes da capital, n’aquela época em que tinha hora da energia ser cortada, era o apagão. E logo ali se acendia uma chama não de luz, mas de magia vinda da voz de um contador de histórias. Corta aqui, emenda ali, finda essa noite, chega outra e mais alguém para aumentar o tecer das histórias. O grande tear dos sonhos e imaginações sob a luz do luar. De acordo com Pennac (1993, p. 38):

Logo que aparecia uma oportunidade, incumbíamos uma outra voz, primo, prima, *baby-sitter*, tia de passagem, uma voz até então poupada, que encontrava ainda graça no exercício, mas que perdia muitas vezes o entusiasmo diante de suas exigências de público exigente.

Essas vozes se referem ao convite para que outras pessoas também se tornem contadores.

Com a modernidade já não se tem esse horário do corte de energia diminuindo assim a hora do conto que vai sendo apagada pelo progresso.

Podemos estar vivendo um momento nostálgico segundo Machado (2004, p. 14):

Cada vez um número mais amplo de pessoas querem ouvir contos antigos, levados por sabe-se lá que vento da alma. É um fato inegável e curioso, não só no Brasil, mas também em outras partes do mundo. Se por um lado os velhos contadores tradicionais estão desaparecendo, porque nas comunidades rurais a televisão ocupa implacavelmente seu lugar, nos grandes centros urbanos a quantidade de gente que se dedica a essa arte está crescendo [...] parece que se trata de um sentimento de urgência que faz renascer das cinzas uma ética adormecida, uma solidariedade não mais do que básica num mundo de cabeça para baixo.

Contar e ouvir histórias é um ato milenar. Por séculos as reuniões se davam sob a luz de fogueiras, nas sociedades tribais. Essas reuniões, quase um ritual, tinham o propósito de disseminar e transmitir valores, história e cultura de um povo. Os responsáveis por esse trabalho eram os chamados narradores. De acordo com Benjamin (1994, p. 221), o narrador:

Figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte, a experiência alheia).

O narrador dá conselhos por meio de suas histórias, revela toda a sabedoria encontrada nos contos que ouve e partilha com seus ouvintes. Nas palavras de Benjamin (2012, p. 232) “o primeiro narrador verdadeiro é e continua sendo o narrador de conto de fadas”, essas histórias contribuem para a alegria e a criatividade de crianças e adultos, permitem o encantamento e libera a imaginação. “Toda criança gosta de ouvir histórias. Ela associa a realidade à fantasia e geralmente se identifica com algum personagem” (FERREIRA, 2001, p. 9), nessa brincadeira vai se transformando em leitora.

O suporte de guarda das informações era a memória. De acordo com Élie Bajard (*apud* BEDRAN, 2012, p. 25), a gênese do homem é: “marcada pelas histórias contadas, que estabelecem a fronteira com os outros primatas. *Homo sapiens* é um primata que conta histórias”.

Alguém narra os acontecimentos; passando assim a registrá-los através da fala, evidencia-se, então, a figura do contador de histórias que segundo Santana (2016):

[...] é uma figura ancestral, presente no imaginário de inúmeras gerações ao longo da História. Em um universo desprovido de recursos midiáticos, este ser era imprescindível para a formação dos futuros adultos, conferindo às crianças, através das narrativas de histórias, 'causos', mitos, lendas, entre outras, uma imagem menos apavorante de uma realidade então povoada pelo desconhecido.

É visível a importância do contador como aquele que vai contribuir com os futuros cidadãos, fazendo-os experimentar, através das histórias, emoções ainda não vividas. Para Benjamin (2012, p. 217): “O narrador retira o que ele conta da experiência: de sua própria experiência ou da relatada por outros. E incorpora, por sua vez, as coisas narradas à experiência dos outros ouvintes”.

O narrador viaja pelos tempos, se recria, ora velho, ora mulher. E Bosi o define da seguinte forma:

O narrador é um mestre do ofício que conhece seu mister: ele tem o dom do conselho. A ele foi dado abranger uma vida inteira. Seu talento de narrar lhe vem da experiência; sua lição, ele extraiu da própria dor; sua dignidade é a de contá-la até o fim, sem medo (BOSI, 1994, p. 91).

Figura 1 – Imagem de um contador de histórias.



Fonte: ALMEIDA, C. (2012)

Quando falamos em narrativas orais logo nos vem à lembrança aquela voz feminina, que te carrega nos braços para ninar, acalantar ou te puxa para viagens por mundos distantes nas noites de serão.

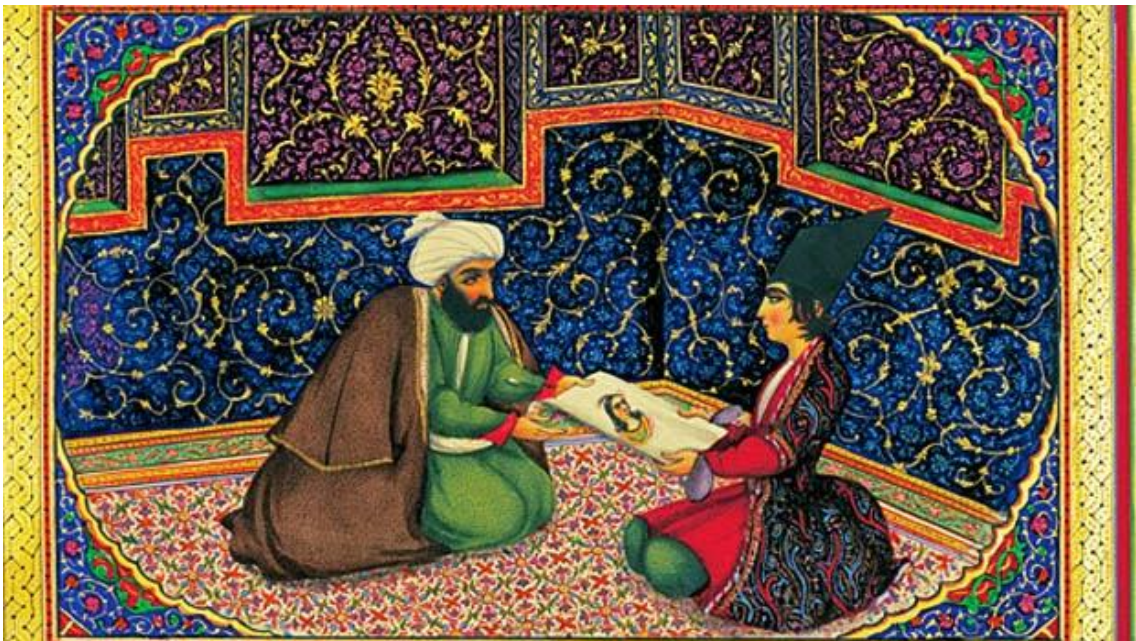
Como contadora de história pode-se referenciar Sherazade, a tecelã da noite como é conhecida. Ela, a mulher que tem força na palavra, força da salvação

para aquela que narra e o dom da cura para quem ouve. Chahriar, o sultão esposo da tecelã da noite, era acometido de grande ira e assassinava todas as suas esposas após as núpcias, pois julgava todas as mulheres infiéis.

Casou-se com Sherazade que deveria ter tido o mesmo destino das outras esposas se não fosse seu gosto pelas literaturas diversas que lia, era leitora voraz e o mais importante, era uma ledora espetacular, possuía o dom da palavra. Para Menezes (1995, p. 56),

Sherazade ou do Poder da Palavra. A sultana era uma contadeira de histórias, não em primeira linha uma escritora: ela as contava de viva voz. Aquelas 1001 noites eram marcadas pela cálida proximidade da mulher, da mulher na sua inarredável corporeidade. Não podemos esquecer da carga corporal que a Palavra falada carrega. Na narrativa oral, a Palavra é corpo modulada pela voz humana, e, portanto carregada de marcas corporais; carregada de valor significante. Que é a voz humana senão um sopro (pneuma: espírito...) que atravessa os labirintos dos órgãos da fala, carregando as marcas cálidas de um corpo humano? A palavra oral é isso: ligação de sêma e soma, de signo e corpo. A palavra narrada guarda uma inequívoca dimensão sensorial.

Figura 2 – Sherazade e o sultão.



Fonte: ANJOS (2016).

A palavra ouvida tem uma magia e proporciona sentimentos, emoções de acordo com o que se ouve, ou melhor, a voz do narrador provoca as mais diversas sensações. É o que se pode dizer de 'o poder da palavra'. "A voz vem do corpo, quer dizer, do sensível, que há em nós. A voz viva é o contrário da letra morta e da

linguagem estereotipada” (PETIT, 2012, p. 63). A voz do narrador é capaz de liberar a sensibilidade e congregar pessoas.

### 3.1 Ledor

#### 3.1.1 Conceitos:

O termo ledor recebe várias conceituações, a seguir, algumas delas: “que lê, leitor” (BUENO, 2007, p. 466).

Segundo alguns dicionários informam que ledor seja sinônimo de “leitor” (FERREIRA, 2001, p. 420).

Dentre as conceituações do termo em questão, uma das mais tocantes singelas que encontramos, sobre a figura do ledor, foi esta dos seguintes autores que, pronunciam-se:

[...] o ledor é - de longe – o mais imediato e afetivo instrumento revelado entre as pessoas que enxergam e aquelas que não enxergam. Nesse sentido, o ledor contribui na cultura, na educação e na inclusão da pessoa com deficiência visual (BROSEGUINI; NASCIMENTO; PINEL, 2007).

Os autores conceituam brilhantemente o ledor, nota-se que isso ocorreu há algum tempo e sentimos falta de uma continuidade de estudos desta figura pelos renomados autores.

“Aquele que lê para pessoas com deficiência, visual, o leitor cego, os que escutam as leituras feitas em voz alta” (SILVA, 2015, p. 1).

Este conceito exemplifica o ledor que desenvolve uma leitura destinada a um público específico, neste caso os deficientes visuais. Esta pratica é muito comum nas escolas e instituições especializadas.

“Diz-se de, ou pessoa que gosta de ler” (Dicionário online de português).

O ledor é aquele que lê para alguém, qualquer pessoa, crianças em alfabetização, pessoas que não sabem ler e idosos. Este ser tão antigo e ao mesmo tempo desconhecido que, hoje, ressurgiu com outra roupagem e já não é a voz feminina ou a do ancião do tempo de outrora.

### 3.1.2 As variantes do leitor

Neste trabalho criamos uma classificação de leitores para que possamos melhor distingui-lo:

Pode-se identificar uma diversidade de leitores:

- Os de casa que podem ser os pais, parentes próximos ou amigos, que emprestam a sua voz para dar sonoridade aos textos.
- Os leitores da escola comum que são os professores e voluntários, que auxiliam os alunos na compreensão dos textos lidos.
- Os da academia e de concursos, que fazem a leitura, promovendo a interação e a inclusão de alunos com deficiência visual. Estes são os leitores inclusivos.

Os *ocasionais presenciais e ocasionais virtuais ou leitores virtuais*, que são voluntários que oferecem seus serviços mesmo à distância, como é o caso do aplicativo BE MY EYES, “seja meus olhos”, criado pelo dinamarquês Hans Jorgen Wilberg, que permite o cadastro de leitores voluntários e de pessoas com deficiência visual, para que estas possam “obter ajuda em momentos que pode ser inconveniente pedir ajuda a vizinhos ou a um amigo e **você não precisa pedir mil desculpas para solicitar ajuda**” (WILBERG, [2015]).

Os leitores ocasionais presenciais, podem aparecer em diversos ambientes e cada vez mais em locais inusitados. Em ambientes variados, como por exemplo: vias públicas, supermercados, teatros, lojas, ônibus. Que leem anúncios, bulas de remédio, receitas de bolo, letreiros, nome de ruas entre outros. Estes desenvolvem uma leitura singular, de acordo com o grau de escolaridade, nível de sociabilidade, pois, muitas pessoas não conseguem se relacionar ou mesmo conversar com alguém que possui uma deficiência. Surge então forma de preconceito, uma barreira de relacionamento mesmo que seja breve.

Também se pode usar os leitores digitais, feitos por meio de softwares, que são tecnologias assistivas, usadas para beneficiar de maneira muito construtiva, oferecendo uma diversidade de aplicativos, Leitores de tela como: DOSVOX, JAWS, NVDA, Virtual Vision, Orca e VoiceOver. Como exemplo temos o SISTEMA DOSVOX (Intervox\*), genuinamente brasileiro, criado pelo Prof. Dr. Antônio Borges

(CAEC / UFRJ), 1993. O Quadro a seguir foi elaborado com base nas informações encontradas na Revista Benjamin Constant.

Quadro 1 – Leitores de tela.

<b>SOFTWARE</b>	<b>FORMAS DE ACESSO</b>	<b>OBSERVAÇÕES</b>
<i>SISTEMA DOSVOX</i>	Gratuito	Oferece vários aplicativos: editor de textos, gerenciador de e-mail, bate-papo, jogos e outros.
<i>LEITOR DE TELA JAWS</i>	Pago- opera no Windows	X
<i>NVDA</i>	Gratuito-opera no Windows	X
<i>Virtual Vision</i>	Pago/gratuito para alguns correntistas de bancos - opera no Windows	X
<i>Orca</i>	Gratuito para Linux	X
<i>VoiceOver</i>	Gratuito para Mac Os	X

Fonte: Adaptado pela autora desta pesquisa de SONZA; SALTON; CARNIEL (2016, p. 25-26).

Entre esses leitores de tela, o mais usado no Brasil pelas pessoas cegas é o Dosvox, por ser disponibilizado gratuitamente e apresentar fácil interação com o usuário.

### 3.1.3 O leitor como ferramenta de acesso a informação para as pessoas com deficiência visual

O profissional leitor inclusivo pode tornar-se valiosa ferramenta de acesso ao universo dos livros e das letras para as pessoas com deficiência visual e em alguns casos é a única forma de acesso aos conteúdos contidos em textos. Este profissional recebe orientações e capacita-se como exemplo as orientações para a aplicação do ENEM.

Dentre as capacitações de leitor no material de Capacitação de leitores ENEM 2011, destacamos as seguintes informações importantes para a prática leitora:

8 O PRINCIPAL PAPEL DO LEDOR É Servir como elo entre esses dois mundos, adaptando informação de um para ser compreendido em outro, em um processo amplo e de via dupla. Entender a complexidade dessa ação é uma das chaves do sucesso do Ledor, que fica impedido de apoiar-se em referenciais gráficos ou do mundo visual para realizar sua atuação; [...]

18 A LEITURA O ato de ler deve ser confortável ao ledor e ao seu ouvinte. Ao ler, a altura e a velocidade da voz devem ser suficientes para que o ouvinte não precise se esforçar para conseguir ouvir. Deve ser confortável o bastante para que o ledor não force demasiadamente suas cordas vocais, pois pode precisar usá-las durante um tempo prolongado e ininterrupto (UNB, 2011).

O ledor de provas deve ser imparcial em sua tarefa que é a de servir de canal de comunicação entre texto e leitor.

19 A LEITURA – O posicionamento O ledor sentar à frente do ouvinte é melhor, pois o som se propagará sem obstáculos ou desvios. É interessante que o ledor permaneça com sua cabeça o mais próximo de 90º com relação ao pescoço, pois assim não estará pressionando suas cordas vocais (UNB, 2011).

Durante a aplicação do certame o ledor deve ter posicionamento corporal, facilitando assim a saída da voz sem prejuízo vocal.

20 A LEITURA – Entonação Ambiente: Calmo Buscar o maior silêncio possível; Procurar eliminar elementos que possam levar a distração. Altura: A voz deve ter uma altura confortável ao Ledor e ao ouvinte; Regular: a intensidade da voz a um padrão confortável. Ritmo: Velocidade constante, evitando a mudança dela durante uma mesma frase ou mesmo parágrafo; Combine com o participante a velocidade adequada; [...]. 29 A LEITURA - Recursos gráficos Negrito, itálico, sublinhados, caixa alta: Também conhecidos como grifo também devem ser anunciados; Exemplo: Descansar no dia anterior é uma das chaves do sucesso do atendimento do ledor. Lê- se oralmente... é uma das chaves do sucesso (a expressão chaves do sucesso está em negrito); [...]. 34 A LEITURA - Palavras Estrangeiras Devem ser lidas da maneira que for possível ao ledor, e se necessário, soletradas. Exemplo: Meu amigo se chama Washington. Lê- se Meu amigo se chama Washington w-a-s-h-i- n-g-t-o-n (UNB, 2011).

Ler em voz alta não quer dizer gritar, precisa ter um tom de voz adequado e seguir as orientações da leitura inclusiva

37 A LEITURA - Pontuação e acentuação Em texto corrido não é preciso ler os pontos de interrogação e de exclamação, pois estes ficam evidentes diante da entonação diferenciada; Os pontos referidos, as vírgulas, pontos finais e acentuação gráfica também não são mencionados, mas existem casos em que essa leitura é necessária principalmente em questões de provas de português; Nas questões referentes à averiguação de concordância, ortografia, pontuação, acentuação etc., ler e soletrar as frases minuciosamente (UNB, 2011).

Ser leitor de provas de concursos, certames de vestibulares não é algo fácil como muitos pensam, que basta saber ler e está capacitado para desenvolver a atividade ledora para concursos. Diante dessas orientações o leitor sim pode e deve capacitar-se. Dentre as capacitações para o leitor elencar-se-á as seguintes: Técnicas de gravação do livro falado, áudio descrição e guia vidente/áudio-descritor para melhor desenvolver sua tarefa. E ser capaz de apresentar à PcDV a leitura inclusiva para um melhor aproveitamento, possibilitando à PcDV maior abstração.

A pesquisadora destaca sua participação em uma oficina de livro falado.

Nessa oficina foram mostradas as partes que compõem um livro convencional em tinta: capa, lombada, folha de rosto, ficha catalográfica, dentre outras. Nota-se fazeres biblioteconômicos quando da apresentação acima referida. Também faz parte da oficina a apreensão da importância e do cuidado que o leitor deve ter para com a sua voz e a postura corporal, pois esta influencia na respiração e vai refletir diretamente na voz. Neste sentido, a oficina contou com os conhecimentos repassados por uma fonoaudióloga acerca do preparo vocal e o cuidado com a voz por meio de exercícios de aquecimento e relaxamento para melhorar a performance durante a leitura.

A voz passa a ser o instrumento de trabalho do leitor e por isso deve ser preservada. Pequenos cuidados como tomar água na temperatura ambiente, exercícios de aquecimento vocal antes do momento da leitura e o de relaxamento ao término da mesma.

As pessoas com deficiência visual perdem um dos sentidos que fazem com que conheçam o mundo ao seu redor, mas isso só faz com que apurem mais os outros sensores: tato, olfato, paladar e audição. Que para Coll, Marchesi e Palácios (2004, p. 151) a audição é:

Além de ser usada para a comunicação verbal, os não videntes empregam-na com uma função telorreceptora para a localização e a identificação de objetos e pessoas no espaço, funções para as quais é menos precisa que a visão.

O silêncio no momento da gravação é fundamental, pois as pessoas com deficiência visual têm a audição muito apurada, treinada e por isso os ruídos extras, que não fazem parte da leitura acabam atrapalhando no momento da audição.

Os livros falados, por conter textos acessíveis ficam fáceis de serem armazenados ou transportados, permitindo a leitura na íntegra de livros convencionais produzidos em papel e tinta.

A produção de livros falados obedece a sequência a seguir, de acordo com Martins e Fares (2016, p. 3063):

1ª etapa – Leitura silenciosa: Apropriação, pelos participantes, dos textos dos livros a serem produzidos em livros falados pelos leitores, pessoas que leem para outras que têm deficiência visual.

2ª etapa - Gravação: gravação das leituras dos livros a serem produzidos em livros falados, assim como dos áudios de identificação do livro falado do texto.

3ª etapa – Revisão das gravações: Verificação das gravações se contém os textos na íntegra e os recursos utilizados na leitura para marcações necessárias para compreensão do texto pela pessoa com deficiência visual, exemplos: soletração de palavras estrangeiras, destaques para as aspas, notas de rodapé, etc.

4ª etapa – Revisão, crítica e sugestão de alterações necessárias na escolha tradutória do texto áudio-descrito dos áudios produzidos para o livro falado.

5ª etapa – Edição do áudio e finalização das partes do texto para o livro falado.

Como se observa nestas orientações, no que diz respeito a gravação do livro falado, necessita de uma preparação para os leitores. Durante a produção, processos e análises são realizados para que os resultados finais sejam satisfatórios ao público a que se destina. Para isso existem etapas distintas como: orientações para os leitores, revisão dos textos selecionados... e a revisão final.

- **Guia vidente/áudio-descritor**

A pessoa com deficiência visual, tanto as com cegueira quanto as de baixa visão, necessitam de adquirir autonomia na mobilidade, ou seja, usar de autonomia nos momentos em que precise ir ou vir de algum lugar. Esse trabalho, dentro da área da deficiência visual é desenvolvido nas aulas de Orientação e Mobilidade (OM), “atividade motora composta por um conjunto de capacidades motoras, cognitivas, afetivas e sociais e por um elenco de técnicas apropriadas e específicas, que permitem ao usuário conhecer, relacionar-se e deslocar-se de forma (in)dependente e natural” (HOFFMANN; SEEWALD, 2013).

Nas aulas de Orientação e Mobilidade as PcDV aprendem técnicas como auto-proteção, guia vidente, bengala longa e cão-guia, usadas para obter maior

liberdade ao se locomoverem no dia-a-dia. Esta pesquisa traz a técnica do guia vidente para uso concomitante da áudio-descrição.

A técnica do guia vidente é aquela em que uma pessoa que não tem deficiência visual atua como guia para a PcDV. A posição do guia vidente é um passo à esquerda e a frente da PcDV, embora possa guiar também quando está posicionado à direita, porém sempre a frente. A PcDV segura no antebraço, próximo ao cotovelo direito da pessoa que será o guia.

Quando durante a caminhada da PcDV com o guia vidente e este precisar avisar que mais a frente a passagem fica estreita e só será possível ir um de cada vez, ele coloca o braço direito para trás, é o sinal para que a PcDV vá imediatamente para trás do seu guia e, assim, seguem até que o espaço se torne livre novamente. Nesse caso, o guia vidente posiciona o braço como estava antes e a PcDV volta para a posição ao lado e um passo atrás.

Figura 3 – Guia vidente



Fonte: FELIPPE (2007)

Para conduzir uma PcDV até uma cadeira, é necessário que o guia vidente sinalize quando da chegada ao local colocando a mão da PcDV no espaldar da cadeira ou no assento. Nesse momento a PcDV faz o rastreamento com as mãos para perceber se a cadeira está de fato livre e só depois senta e a solta, pois é necessário que mantenha segura a cadeira até sentar, do contrário pode “perdê-la”.

O cuidado do guia vidente com a PcDV também se faz necessário na hora de subir escadas. É importante sinalizar para a PcDV antes do primeiro degrau e depois do último degrau. Bem como levar as mãos das PcDV até a barra de porta

quando na entrada de ônibus. No carro, o guia vidente conduz a mão da PcDV até a porta aberta, espera que ela entre com cuidado e só então a porta é fechada.

A áudio-descrição, recurso de acessibilidade que permite a tradução de imagens para PcDV, pode e deve ser utilizada pelo guia vidente, desde que este conheça as técnicas. Dessa forma, ganha a PcDV, que poderá conhecer os ambientes e os objetos encontrados durante o percurso. Segundo Lima (2010, *apud* MARTINS; FARES, 2016, p. 3062), a áudio-descrição é “gênero tradutório que exprime em palavras escritas ou oralizadas aquilo que é visível, e busca promover o empoderamento de pessoas com deficiência”.

A figura do áudio-descritor, profissional que atua como tradutor de “imagens em palavras, tendo em mente o empoderamento do usuário e, do ponto de vista da técnica áudio-descritiva” (LIMA, 2011, p. 10), se faz necessária nos ambientes em que ocorrem leituras, é na verdade, um outro tipo de leitor, o leitor inclusivo, aquele que vai exercer a função de guia vidente/áudio-descritor e vai desvelar o mundo imagético que aparece, principalmente nos livros, ao público das PcDV.

O serviço do leitor inclusivo, que utiliza a sedução de sua voz, para mediar leituras e formar leitores, seria de grande valia que desenvolvesse suas atividades dentro de bibliotecas, salas de leitura, feiras literárias e outros eventos culturais. Sabe-se que este serviço é mais solicitado durante as provas do ENEM, e de outros concursos, pois sendo um direito da PcDV, as instituições responsáveis contratam tais profissionais para esses certames.

Figura 4 – Leitor



Fonte: VOLUNTÁRIOS... (2015)

A Lei Brasileira de Inclusão traz nos Artigos 67 e 68 referências acerca da promoção da leitura para as PcDV. A figura do ledor se faz presente quando se fala de livro falado, áudio-descrição e outras formas de acessibilidade literária. Segundo a Lei referida:

Art. 67. Os serviços de radiodifusão de sons e imagens devem permitir o uso dos seguintes recursos, entre outros:

I - subtítuloção por meio de legenda oculta;

II - janela com intérprete da Libras;

III - audiodescrição.

Art. 68. O poder público deve adotar mecanismos de incentivo à produção, à edição, à difusão, à distribuição e à comercialização de livros em formatos acessíveis, inclusive em publicações da administração pública ou financiadas com recursos públicos, com vistas a garantir à pessoa com deficiência o direito de acesso à leitura, à informação e à comunicação (BRASIL, 2015).

Embora a Lei exista percebe-se que ainda são poucas as ações visíveis acerca do seu cumprimento. Esta pesquisa sobre a atuação do ledor inclusivo vai ao encontro da legislação vigente

## 4 LIVROS FALADOS DA LITERATURA PARAENSE

Os livros falados são uma forma de deixar as literaturas acessíveis a determinados públicos inclusive os deficientes visuais. Não poderíamos deixar de fazer o mesmo com a nossa literatura de expressão amazônica. Para entendermos o que é um livro falado nos direcionaremos às explicações de autores que executam esta prática.

De acordo com Martins (2016, p. 58):

[...] os livros falados são feitos para a leitura auditiva e não se destinam somente ao público de pessoas com deficiência visual, todavia qualquer pessoa que precise e queira fazer a leitura pelos ouvidos. Fato muito comum quando estamos com as mãos ocupadas [...].

O uso do livro falado pode ser feito por todos, não está direcionado somente para pessoas com deficiência visual e pode ser utilizado por vários públicos, como forma de acesso a textos diversos nesse formato.

Segundo Jesus (2011), o livro falado “é um complemento do livro em Braille, tem um público especial e pode ser isento de restrições de direitos autorais pela 9.610/98”. De acordo com a Lei de Direitos Autorais sobre esta concessão:

Art. 46. Não constitui ofensa aos direitos autorais:  
d) de obras literárias, artísticas ou científicas, para uso exclusivo de deficientes visuais, sempre que a reprodução, sem fins comerciais, seja feita mediante o sistema Braille ou outro procedimento em qualquer suporte para esses destinatários (BRASIL, 1998);

### 4.1 O descaso sobre nossa identidade

A literatura paraense é muito rica, porém desconhecida para nós. Tudo que se lê, as literaturas, são de outras regiões do país ou estrangeira. Talvez a localização da região Norte, afastada do centro do país, faça com que não sejam estudadas e não façam parte do currículo escolar, acarretando a não valorização de nossa cultura. De acordo com Fares (2013) sempre estamos à margem de tudo, em segundo plano:

[...] Ou nas bordas também significa, entre outras semânticas, não ter passagem para a escola, o sistema central da educação escolar. Estamos,

então, na borda com as literaturas que admitem os adjetivos infantil, oral, popular e regional, africana (FARES, 2013, p. 82).

Nos abraçamos com uma literatura que não é a nossa; importada sem nossos traços e aos poucos vamos perdendo, assim, nossa identidade. O pouco da literatura paraense que veiculava entre nossos estudantes trazia o título de “leituras obrigatórias do vestibular” que consistia em uma listagem de livros de autores paraenses. Esses autores eram cobrados nos certames de vestibular onde havia duas provas a do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e a no Processo Seletivo aplicado pela UFPA.

Em 2014, a Universidade Federal do Pará passou a adotar como forma de ingresso somente o ENEM. Sendo assim, esta literatura paraense foi banida de vez, do certame vestibular da UFPA.

A literatura paraense não está sendo disponibilizada, porém existe e é pouco divulgada. Se considerarmos que aos videntes, tem pouca divulgação, que dirá aos deficientes visuais em formatos acessíveis. Mas ocorreu uma tentativa de deixar acessível as obras de literatura de expressão amazônica para pessoas com deficiência visual. Com a gravação do livro falado “As crianças que plantaram um rio” (2014), e no ano seguinte “A menina árvore” (2015), ambos disponíveis no *Youtube*.

O Projeto *Lamparina acesa: literatura acessível CUMA/UEPA*, tem o objetivo de divulgar as literaturas de expressão amazônica, através de livros falados gravados por leitores voluntários. O projeto dará continuidade às suas atividades, com a gravação de obras literárias, tais como: “Chove nos Campos de Cachoeira”, de Dalcídio Jurandir; “Aruanda”, de Eneida de Moraes; “A porta mágica”, e “Miguel, Miguel”, de Haroldo Maranhão; “Zeus ou a menina e os óculos” de Maria Lúcia Medeiros; “Carro dos Milagres”, de Benedito Monteiro; “A cidadeilhada”, de Milton Hatoum. O retorno às gravações acontecerá ainda neste ano de 2017.

O retorno ao trabalho das gravações de livros falados com as literaturas de expressão amazônica está previsto para o primeiro semestre do corrente ano. O projeto *Lamparina acesa literatura acessível* ofertará uma programação extensa como: palestras, minicursos, oficinas de produção de livros falados entre outras atividades.

## 5 RELATO DE EXPERIÊNCIA

Em fevereiro de 2017, iniciava a disciplina optativa, chamada *Documentação Jurídica*, ministrada aos sábados e sua turma é constituída por alunos egressos de diversos anos. Nesta disciplina, também estava matriculado uma pessoa com deficiência visual. Após a qualificação, a orientação dada à pesquisadora foi a de que fossem incluídos os deficientes visuais.

O aluno com deficiência visual, Alcides, estava em companhia de uma professora no laboratório, ao saírem, observou-se que a professora não utilizava as técnicas básicas de guia vidente, então a autora desta pesquisa ofereceu auxílio para conduzi-lo, já que conhecia tais técnicas que havia adquirido onde faz voluntariado. Como ledora, participou de cursos e oficinas do livro falado, guia vidente/áudio descritor.

A professora manifestou interesse nesse conhecimento, solicitou que a pesquisadora levasse o rapaz até a Biblioteca Central, durante o percurso observava a orientação de mobilidade e revelou que não tinha informações acerca de como lidar com um aluno deficiente visual, uma vez que ainda não havia participado de nenhuma formação sobre o assunto.

Acertamos para as quartas-feiras, que a leitura fosse feita em uma das salas de professores. Não foi finalizado o material, ficou para sexta-feira. Chegando lá foram surpreendidos pela professora de tecnologias de informação que pediu para que a autora desta pesquisa fizesse a leitura da prova para o aluno PcDV, pois não havia ledor.

A leitura foi realizada bem como a transcrição da prova, embora não tivesse experiência como ledora de prova, tudo ocorreu como o previsto.

Sobre isso Alcides comenta:

*[...] a gente percebe é que as experiências de vida não advém apenas da tua teoria e sim do teu modo de ser, porque a pessoa que tem deficiência visual, ele aguça um outro sistema de percepção que leva você a ter uma interpretação mais subjetiva, leva você a ter essa percepção interior”.*

Outros encontros vieram até que ele pediu que o conduzisse ao terminal rodoviário. Nesse momento Alcides revelou que tem um pouco de dificuldade no que diz respeito à orientação e mobilidade, principalmente em Belém, pois mora na cidade de Castanhal.

Em uma conversa informal, Alcides relatou “preciso te contar uma coisa que aconteceu hoje, pra mim foi uma evolução, vim só para a faculdade”, ele começava a mostrar um pouco mais de independência na sua mobilidade, e também informou que já construiu o mapa mental do caminho da Faculdade até a biblioteca.

Alcides ainda acrescenta:

*[...] uma delas assim, a confiança, o estímulo de lutar cada vez mais, porque uma coisa é você ouvir de pessoas que estão fora da universidade, outra coisa é você ter essa experiência com alguém que já tem uma vivência de quem está dentro da universidade, alguém que também soma com a sua própria experiência de vida, como é o teu caso.*

Desenvolver este trabalho com Alcides está sendo um marco na vida acadêmica e pessoal da pesquisadora. Com ele teve a oportunidade de ser ledora e pôr em prática todas as teorias que aprendeu nos cursos e palestras.

Como ledora empresta seus olhos e doa um pouco do seu tempo para contribuir com esse público que precisa só um pouco de atenção. O encontro com Alcides possibilitou aprendizagens tanto para a pesquisadora quanto para ele, como é possível perceber nos trechos a seguir, que foram retirados de uma conversa informal, na qual Alcides comenta:

*Aprendi algo novo, [...], uma amizade que a gente construiu e que a gente só precisa daqui pra frente é cultivá-la, sempre, [...] a gente não poderia viver em um meio coletivo vivendo uma vida individual, eu acredito que a parceria ela é importante então quando você soma, eu acredito que aprendi muito contigo quando você somou essas experiências. São vivências, histórias que com certeza dá um embasamento muito grande.*

Desenvolver o voluntariado é estar sujeito a surpresas, em alguns momentos acontecem reações não esperadas. Ocorrem situações nas quais, o que você se propôs a oferecer vira uma de moeda de troca de saberes entre os envolvidos e percebe-se uma interação e o resultado disso é inclusão.

## 6 ANÁLISE E DISCUSSÕES

Nesta seção, apresentam-se as análises das entrevistas obtidas nesta pesquisa, as quais estão direcionadas a duas categorias de sujeitos: os leitores e os leitores - pessoas com deficiência visual. Na dinâmica da entrevista foram feitos quatro questionamentos. Com o intuito de preservar a identidade dos participantes<sup>5</sup>, colaboradores da pesquisa, serão apresentados por nomes fictícios, distribuídos em dois tópicos sempre nesta sequência: os três primeiros são os leitores e os quatro os leitores, que neste estudo são compreendidos como usuários.

Ledor 1

Ledor 2

Ledor 3

Usuário 1

Usuário 2

Usuário 3

Usuário 4

Quadro 2 - Perfil social histórico dos Sujeitos.

<b>NOME</b>	<b>IDADE</b>	<b>GÊNERO</b>	<b>ESCOLARIDADE</b>
LEDOR 1	20	F	Superior-cursando
LEDOR 2	50	F	Superior
LEDOR 3	50	M	Superior
USUÁRIO 1	47	F	Médio
USUÁRIO 2	46	M	Superior
USUÁRIO 3	60	M	Superior
USUÁRIO 4	35	M	Superior- cursando

Fonte: Elaborado pela autora desta pesquisa.

<sup>5</sup> Adotaremos abreviaturas para identificação dos participantes, por exemplo, ledor 1 (L1) e usuário 1 (U1).

Quadro 3: Roteiro de entrevistas com ledores.

1- Quando iniciou sua experiência como leitor para deficientes visuais?
2- Participou de alguma capacitação ou orientação para ledores?
3-Em que situação já atuou como leitor?
4- Durante a leitura o ouvinte costuma fazer algum pedido? Qual o mais comum?

Fonte: Elaborado pela autora desta pesquisa.

Quadro 4: Roteiro de entrevistas com usuários.

1- Você utiliza o auxílio de leitor? Se sim, qual o tipo de leitor?
2- Em que situação utiliza?
3-. Dentre os recursos abaixo, qual utiliza? <input type="checkbox"/> DOSVOX <input type="checkbox"/> JAWS <input type="checkbox"/> NVDA <input type="checkbox"/> VIRTUALVISION <input type="checkbox"/> ORCA <input type="checkbox"/> VOICEOVER
4- Entre o leitor humano e o digital, qual o de sua preferência? Por quê?

Fonte: Elaborado pela autora desta pesquisa.

Quadro 5: Início da experiência como leitor .

SUJEITO	TRECHO DA RESPOSTA
L1	“Quando entrei no Álvares de Azevedo, mais ou menos há sete anos”.
L2	“2004”
L3	“Ano de 2015”

Fonte: Elaborado pela autora desta pesquisa.

Dentre os ledores participantes da pesquisa o tempo de experiência como leitor variou entre dois e treze anos. Desses ledores o L1 e L2 trabalham em uma instituição especializada para pessoas com deficiência visual e nela participam de formações acerca do serviço de ledores.

Os participantes L2 e L3, responderam o tempo exato de seu exercício enquanto ledores, só o L1 informou algo a mais, como o tempo e local de sua experiência nessa função.

Nas respostas exibidas no quadro acima nota-se dois ledores possuem um tempo razoável de experiência e outro está praticamente começando. A cada leitura você aprende com o leitor ouvinte, essa leitura deve ser feita com paciência, atenção e respeito. Quanto maior for o tempo em que se atua como leitor melhor se

executa a leitura, pois a experiência lhe traz aprimoramento. Mas naturalmente é preciso dar o primeiro passo, e mesmo o leitor entrevistado que não está com um tempo muito grande de experiência merece respeito, pela iniciativa de começar, e com o tempo se tornará expert no que faz.

Ao ler, o leitor não é o dono da leitura, apenas empresta a sua voz ao leitor/ouvinte, este sim é o dono, que precisa abstraí-la, tomar posse e fazer uso dela em sociedade. Nas palavras de Manguel (2004, p. 33) o relato de sua experiência como leitor:

Antes de encontrar Borges, eu lia em silêncio, sozinho, ou alguém lia em voz alta para mim um livro de minha escolha. Ler para um cego era uma experiência curiosa, porque, embora com algum esforço eu me sentisse no controle do tom e do ritmo da leitura, era, todavia, Borges, o ouvinte, quem se tornava o senhor do texto. Eu era o motorista, mas a paisagem, o espaço que se desenrolava, pertenciam ao passageiro, para quem não havia outra responsabilidade senão o de aprender o campo visto das janelas. Borges escolhia o livro, Borges fazia-me parar ou pedia que continuasse, Borges interrompia para comentar, Borges permitia que as palavras chegassem até ele. Eu era invisível.

Quadro 6: Participação em capacitação e orientação para leitores.

SUJEITO	TRECHO DA RESPOSTA
L1	“Aí no Núcleo, de onde o Luís faz parte, que ele é o coordenador, ele ofereceu uma oficina e nós fomos aprendendo, aos poucos...”
L2	“Aqui na escola a gente teve a orientação, tínhamos uma profissional aqui... depois a gente conseguiu, através da internet, uma instrução de leitor feito pela UNB, SESP”.
L3	“Dentro do CUMA (projeto Lamparina Acesa Literatura Acessível)”.

Fonte: Elaborado pela autora desta pesquisa.

O L1 informa que participou no núcleo pertencente a instituição José Álvares de Azevedo, onde trabalha. L2 também participou de formação na própria instituição na qual trabalha.

Todos os leitores possuem capacitação, porém L1 e L2 não iniciaram a prática já capacitados formalmente, primeiro começaram fazendo leitura, porque trabalham em uma instituição que prestava este tipo de serviço, e foram aprendendo aos poucos como um deles citou. No caso de L3, primeiro ocorreu a capacitação para depois ele iniciar os trabalhos de leitor. Isto ocorreu provavelmente, porque os

entrevistados que tem mais tempo de experiência, começaram a fazer este trabalho para cumprir uma demanda que era solicitada para suas instituições, quando ainda não havia um preparo formal para desenvolver esta tarefa, visto que as primeiras iniciativas de capacitação começaram a ocorrer a partir de 2011 (UNB, 2011). E no caso do leitor com menos tempo de experiência teve a chance de primeiro capacitar-se.

A leitura inclusiva exige conhecimentos e instruções para que seja bem-feita e atinja satisfação dos usuários, e que estes não sejam prejudicados com uma leitura inadequada. É importante o leitor participar de capacitações na área.

Se o ato de ler não respeitar a entonação pode ser prejudicial ao candidato de uma seleção, ou de concurso, por exemplo. Não sendo feita com a entonação correta a palavra pode ser entendida de outra maneira causando prejuízo ao candidato. Quando se fala de entonação, ambas as categorias entrevistadas concordam com a importância dela. Na fala do “leitor”.

*“[...] tu sabes que a pontuação, ela dá todo o “entonamento”... da leitura, [...] eu posso ter vários sentidos, “ah, agora eu não vou”, “agora, eu não vou”, depois, está me entendendo? Então, o sentido, na entonação, na pontuação, ela dá o sentido pra frase, pra aquilo que ele quer ouvir para dar a resposta”.*

Isto também é percebido na fala de um dos leitores “às vezes nós como temos a audição muito boa, a gente percebe até pela entonação da voz se aí tem uma vírgula, tem um dois pontos”, o que demonstra que a entonação é de fato imprescindível, inclusive um dos leitores entrevistados descreve uma situação em que foi prejudicado, aludindo sobre uma prova de ENEM, quando a pessoa que fez a leitura pra ele, só conseguiu ler 10 questões em duas horas, numa prova de 90 questões e desabafa “Eu falei para ela, não era ela que estava se prejudicando, ela estava me prejudicando”.

Na literatura também se encontra menção a importância da entonação, Martins (2016, p. 61) esclarece que: “é importante que o leitor tenha uma boa voz, articule bem as palavras, use a entonação solicitada pelo autor, leia não muito rápido, nem muito devagar, o mais natural possível, e acima de tudo, que seja um leitor fluente”.

Quadro 7 – Situação em que atuou como leitor.

SUJEITO	TRECHO DA RESPOSTA
L1	“solicitada pelo ENEM. E do concurso, um outro concurso que tinha pra deficiente”,
L2	“Auxiliando provas de vestibular e concursos públicos”.
L3	“Prova de Exame de habilidades de música da UFPA”

Fonte: Elaborado pela autora desta pesquisa.

Dentre as práticas de atuação como leitores, eles destacam as experiências em concursos, ENEM e vestibular, sendo que a maior requisição é para concursos. Atuar na leitura da prova do ENEM, requer mais que técnicas de leitura, também, a habilidade oriunda da experiência e artifícios como a troca de saberes com outros leitores, uma vez que os sujeitos são de áreas diversas. Essa troca de saberes é relatada na seguinte fala de um dos leitores:

*“[...] quando comecei as leituras para candidatos do ENEM, busquei saber o nome de símbolos matemáticos, por exemplo, perguntando aos meus colegas professores da disciplina, pois sou professor de Geografia, não domino algumas particularidades da área. Assim o faço com as disciplinas de Química, Biologia e outras. Deste modo vou me aprimorando”.*

Atualmente há uma demanda de leitores atuando em provas de concursos. Isto ocorre porque ao contrário do que acontecia antigamente, nos dias atuais, as pessoas com deficiência são incluídas nestes certames, inclusive a partir do Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999, todos os concursos públicos são obrigados a destinar um percentual das suas vagas para pessoas com deficiências. E, se de acordo com Art. 36 do decreto supracitado este percentual é variável, como enuncia:

Art. 36. A empresa com cem ou mais empregados está obrigada a preencher de dois a cinco por cento de seus cargos com beneficiários da Previdência Social reabilitados ou com pessoa portadora de deficiência habilitada, na seguinte proporção:

I - até duzentos empregados, dois por cento;

II - de duzentos e um a quinhentos empregados, três por cento;

III - de quinhentos e um a mil empregados, quatro por cento; ou

IV - mais de mil empregados, cinco por cento (BRASIL, 1999).

Os PCD's, e assim esta demanda para a leitura durante a prova de concursos passa a existir, a partir deste Decreto, sendo de fundamental importância para que as pessoas cegas tenham a possibilidade de concorrer com pessoas com

outros tipos de deficiência e que não encontram problema para fazer a leitura das provas.

Quadro 8 - Pedidos comuns feitos durante a leitura.

SUJEITO	TRECHO DA RESPOSTA
L1	“na maioria das vezes, repetição”,
L2	“a repetição é quantas vezes for necessário...”
L3	“pedem pra repetir e falar mais alto”

Fonte: Elaborado pela autora desta pesquisa.

A pesquisa nos informou que o pedido, mais comum feita pelos leitores, é sem dúvida a repetição, foi a resposta comum aos leitores ouvidos, seguida da leitura pausada, tom de voz mais alto e mais baixo e as pontuações. L2 destacou ainda na sua fala, que a leitura não é feita para ele e sim para o ouvinte e temos que adequá-la, ele quem comanda a leitura de acordo com sua vontade e necessidade. L2 ressalta da seguinte maneira:

*“[...] e você sempre deixa o candidato à vontade para que ele peça que você repita quantas vezes forem necessárias, se o tom de voz está muito alto, se está muito baixo, então, é o candidato, ele vai te orientando, no sentido de que a necessidade é dele”.*

Quadro 9 - Roteiro de entrevista aos usuários.

1- VOCÊ UTILIZA O AUXÍLIO DE LEDOR? SE SIM, QUAL O TIPO DE LEDOR?
2- EM QUE SITUAÇÃO UTILIZA?
3-. DENTRE OS RECURSOS ABAIXO QUAL UTILIZA? <input type="checkbox"/> DOSVOX <input type="checkbox"/> JAWS <input type="checkbox"/> NVDA <input type="checkbox"/> VIRTUALVISION <input type="checkbox"/> ORCA <input type="checkbox"/> VOICEOVER
4- ENTRE O LEDOR HUMANO E O DIGITAL, QUAL PREFERE? POR QUÊ?

Fonte: Elaborado pela autora desta pesquisa.

Quadro 10 - Sobre o auxílio de leitor e tipo.

SUJEITO	TRECHO DA RESPOSTA
U1	“leitor de tela”
U2	“uso o leitor da tela do computador,..”
U3	“os dois, o leitor humano e o digital.”
U4	“eu preciso de uma pessoa disponível, uma vez que eu ainda não domino o sistema de tecnologia assistiva, o Dosvox”.

Fonte: Elaborado pela autora desta pesquisa.

Percebe-se que dos leitores participantes na pesquisa três utilizam o auxílio do leitor digital e um utiliza somente o leitor humano.

Embora seja evidente o uso de leitores de tela pelos deficientes visuais, ainda há um grande espaço para o leitor humano, pois nem todos tem acesso ou domínio dos leitores digitais. Os leitores de tela propiciam rapidez às leituras e tarefas do dia-a-dia, mas tem algo que ainda não oferecem, relata um dos entrevistados sobre o uso do leitor humano, “o leitor humano tem a vantagem de ter sentimento na leitura, ele põe aquele sentimento...” talvez este seja um diferencial na leitura feita por uma pessoa, a doçura na voz, que os sintetizadores podem não transmitir.

Silva (2006, p. 2), em seus estudos buscando compreender “as dimensões subjetivas que podem ocorrer nas relações entre leitores cegos na prática da leitura”, aponta os limites e as possibilidades existentes na relação que envolve o leitor e a pessoa com deficiência visual.

Quadro 11- Situação em que utiliza leitor.

SUJEITO	TRECHO DA RESPOSTA
U1	“para fazer leitura de livro, de um texto, utilizo pra baixar materiais de e-mail, fazer pesquisa de música, pra fazer pesquisa de editais”.
U2	“ter acesso ao computador, de fazer algumas atividades”.
U3	“para ler livros, para responder uma prova em concurso.”
U4	“Na medida em que é necessário a realização de uma culminância”

Fonte: Elaborado pela autora desta pesquisa.

Dos quatro, três destacaram que utilizam leitores digitais nas atividades de leitura, pesquisa e atividades acadêmicas, o outro não faz uso deste tipo de leitor e utiliza somente o leitor humano durante as atividades acadêmicas.

A utilização de tecnologias assistivas, veio agilizar o acesso com maior rapidez aos textos, embora todo esse avanço tecnológico, não extinguiu o leitor humano que ainda é muito presente nas relações cotidianas da pessoa com deficiência visual. Mesmo as tecnologias estão para falhas, como exemplo: ao escanear textos que contém imagens, eles saem com falhas sendo assim necessário o recurso humano. Essas pessoas vão reler o texto e fazer o cotejamento, uma espécie de formatação do texto.

Diante desses questionamentos é possível crer que leitores de tela e leitores humanos ainda estarão ligados se complementando. Isso é explicitado na voz de um dos usuários:

*[...] e o leitor humano a gente acabou de falar, que é justamente tem coisas, um texto, por exemplo, quando eu pego um livro, eu leio o conteúdo lá, digitalizado, vamos dizer assim, as informações escritas, impressas, mas naquele livro deve ter uma imagem que enriquece também, entendeu? Então, nesse momento tem que usar o leitor. Na pesquisa, eu não posso dizer que só eu vou pesquisar, só eu com a minha ideia, mas eu preciso desse leitor, nesse momento.*

Quadro 12- Do uso dos recursos.

SUJEITO	TRECHO DA RESPOSTA
U1	“Dosvox”.
U2	“Dosvox e o NVDA.,..
U3	“Dosvox, NVDA, Jaws””
U4	“Dosvox”

Fonte: Elaborado pela autora desta pesquisa.

Percebes-se na fala dos usuários que todos utilizam o sistema operacional Dosvox, seguido no NVDA e JAWS.

Os leitores de tela vieram oferecer um pouco mais de autonomia para as pessoas com deficiência visual. Muitas bibliotecas possuem seções como obras raras, brinquedotecas, fonotecas e seção Braille. Neste espaço, criado para pessoas com deficiência visual encontram-se diversos produtos específicos a eles como

acervo em Braille, áudio livros, máquina Braille, lupa eletrônica... e computadores com o sistema operacional Dosvox.

Mas essas tecnologias, apesar de tudo, apresentam algumas desvantagens. Para Peixoto (2013) “O problema destas tecnologias, contudo, é a linearidade da leitura, diferente do ledor, que estará ali para ler, reler, alternar os parágrafos, dar ênfases e variação de vozes de acordo a necessidade do leitor”.

Quadro 13 - Preferência: ledor humano e digital.

SUJEITO	TRECHO DA RESPOSTA
U1	“humano - transcrição do cartão resposta, e para tirar algumas dúvidas sobre gráficos ou figuras e Dosvox”.
U2	“o computador. Isso vai da ocasião... uma pesquisa de grande quantidade de material, um material de pesquisa, acessar aquele material, é o computador”,
U3	“os dois são bons.”
U4	“Eu, o humano”.

Fonte: Elaborado pela autora desta pesquisa.

Mostra que a preferência, pelo tipo de ledor, ocorre de acordo com a situação em que a leitura será realizada, três ressaltaram que utilizam o ledor digital.

Entre ledores humanos e digitais há um certo empate na preferência, porque suas precisões de uso variam de acordo com as necessidades, algumas carecem do ledor digital pela rapidez e em outras ocasiões o humano é insubstituível. Reconhece-se na fala de U2 essa necessidade sobre um ledor humano:

*“pois é, quando fala de ledor, não é só o ledor na hora de pesquisa, mas é o ledor do dia a dia, as pessoas... quando estou na rua com alguém, essa pessoa é meu ledor, olha para onde eu estou e diz: olha, seu Pedro, você está em tal lugar. Qual é o ônibus que você quer pegar? Eu digo para aquela pessoa, o ônibus que eu quero pegar, Marex. E identifica o Marex e fala pra mim, isso é um ledor”.*

U2 deu exemplo de ledor ocasional, como é chamado para esse tipo de ledor neste trabalho, e identifica mais uma característica que o ledor pode ter, quando este descreve o ambiente ao seu redor e passa a ser um ledor áudio-descritor. Percebe-se em seu relato a seguir

*“[...] hoje está muito em voga a áudio-descrição, que é a associação da figura do leitor, que está ali para ver a imagem e transformar essa imagem em voz.”*

Descrever imagens estáticas ou em movimento chama-se áudio-descrição. Sobre isso, Lima (2010, p. 25) coloca que a áudio descrição:

[...] consiste na transformação de imagens em palavras para que informações-chave transmitidas visualmente não passem despercebidas e possam também ser acessadas por pessoas cegas ou com baixa visão. O recurso, cujo objetivo é tornar os mais variados tipos de materiais audiovisuais (peças de teatro, filmes, programas de TV, espetáculos de dança, etc.) acessíveis.

Este recurso surgiu na década de 70, com as técnicas de áudio-descrição (AD) resultante da pesquisa de Gregory Frazier em sua dissertação de mestrado, portanto, a AD surgiu na academia. Espalhou-se pela Europa e pelo mundo até chegar ao Brasil onde teve sua estreia em 2003, no festival temático Assim Vivemos: Festival Internacional de Filmes sobre Deficiência.

As pessoas com deficiência visual fazem a leitura auditiva, quando se usa este sentido para ler o leitor precisa ler com entonação, falar claramente pronunciando os erres (R) e esses (S) das palavras. Tudo isso para que a leitura seja feita com qualidade, bem entendida e interpretada, sem ruídos pelo usuário que é o leitor. O entendimento do que se lê é primordial para formar cidadãos, e isso não é diferente para as PcDV.

Sobre o acesso à leitura, Santos (2002, p. 4) discorre: “[...] para que as pessoas com deficiência visual tenham participação efetiva é preciso a compreensão do poder da leitura como caminho para independência e autonomia e da importância desta para os cegos”.

Essa ideia também é defendida por Hebrard (1996, p. 37) quando acrescenta:

O trabalho de leitura é, em grande parte, um processo de produção do sentido no qual o texto participa mais como um conjunto de obrigações -que o leitor toma mais ou menos em consideração) do que como estrita mensagem. [...] Mas, além disso, se fica fácil compreender assim a maneira pela qual o leitor reativa, no seu ato de leitura, suas aquisições culturais anteriores, por outro lado, é muito mais difícil utilizar os mesmos modelos para explicar como o encontro com um texto pode remodelar um universo pessoal intelectual ou fantasmático.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho possibilitou adentrar em um universo, ainda pouco explorado no ambiente da Academia, fazendo a pesquisadora sair da condição de acadêmica e se colocar no lugar do outro, a saber, a pessoa com deficiência visual.

Pesquisar o campo da leitura acessível por meio de um trabalho intitulado “Ledor: àquele que dá sonoridade aos textos”, entre outros aspectos, levou a descrever os vários tipos de ledor; tornar conhecido o guia vidente/áudio-descritor; além de investigar como está a produção de livros falados com a literatura paraense entre ledores voluntários.

Após a escolha do tema e busca pelo material bibliográfico não se encontrava muito material, isso fez com que a pesquisadora iniciasse o trabalho de campo. Foi muito importante o papel da orientadora que se comprometeu e estudou contribuindo cada vez mais para o andamento da pesquisa. A cada orientação o trabalho tomava corpo e ia se estruturando.

As entrevistas revelaram, em um primeiro momento, a ausência de ledores nos dias atuais, parecia que as tecnologias haviam tomado conta de seu lugar, pois no primeiro local escolhido foi esse o resultado. No entanto, ao ser dada a continuidade no trabalho de campo e entrevistar pessoas com deficiência visual descobriu-se uma variedade de ledores, que, ao contrário do que a pesquisadora pensava, não estavam restritos aos locais de atendimento e/ou serviços destinados a pessoas com deficiência visual, mas sempre estiveram presentes em muitos lugares e que nem sempre são identificados como tais, como os ledores ocasionais.

Outro fato revelado e de que ledores digitais e humanos caminham juntos, os ledores de tela vêm para dar rapidez e agilidade aos estudos e pesquisas, mas não inviabiliza o ledor humano e todas as nuances por eles apresentados como a emoção no momento da leitura, a variação na altura da voz, a velocidade da leitura, a repetição até que ocorra a completa satisfação do leitor/ouvinte.

A convivência com as pessoas deficientes visuais contribuiu para que a pesquisadora desenvolvesse os outros sentidos além da visão.

Tendo como um dos resultados a percepção dos acontecimentos ao seu redor, maior atenção aos ruídos, e, sobretudo como contribuir para a interação das pessoas com deficiência visual entre aquelas que não têm a deficiência. E a satisfação de conhecer um pouco mais sobre essas pessoas e que nem sempre

recebem a atenção que merecem, pois, têm muito a ensinar aos outros como superar algumas limitações que a vida apresenta.

Espera-se que esta pesquisa possa contribuir para outras discussões acerca desse tema que faz parte do cotidiano de educadores e bibliotecários, que trabalham com a leitura e a pretendem de uma forma inclusiva. Bem como que possa incentivar novas pesquisas na área da deficiência visual.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2008.

ALMEIDA, Camila de Sousa. **Contador de histórias**. 2012. Disponível em: <<http://ericksonianamente.blogspot.com.br/2012/09/contador-de-historias.html>>. Acesso em: 20 de dez. 2016.

ALMEIDA, Fernando José de. **Folha Explica Paulo Freire**. São Paulo: Publifolha, 2009.

ANJOS, Karina dos. **Estratégia muda tudo**. 12.08.2016. Disponível em: <https://www.equalis.com.br/blog/noticias/estrategia-muda-tudo.html>. Acesso em: 20 de dez. 2016.

APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de Metodologia Científica: um Guia para a Produção do Conhecimento Científico**. São Paulo: Atlas, 2007.

BEDRAN, Bia. **A Arte de cantar e contar histórias: narrativas orais e processos criativos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.221.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras Escolhidas v. I).

BENTES, Sara. **Pra quê?**. 2006. Disponível em: <http://www.letras.com.br/sara-bentes/pra-que>. Acesso em: 06 jan. 2017.

BOCCHESI, Ana Maria Benchik. **Assuntos da Ana**. Disponível em: <<http://assuntosdaana.blogspot.com.br/2010/03/os-primeiros-artistas-da-humanidade-os.html>> Acesso em: 10 de jun. de 2016.

BORTOLINI, Sueli. **Mediação oral da literatura: a voz dos bibliotecários lendo ou narrando**. Marília: UEL, 2010.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velho**. 4. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL, Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm)>. Acesso em: 17 de jun. de 2016.

BRASIL. Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999. Regulamenta a Lei no 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 21 dez. 1999. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/d3298.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3298.htm)>. Acesso em 15 out. 2016.

BRASIL. Lei nº 9.610, 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 20 fev. 1998. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9610.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9610.htm)>. Acesso em: 15 fev. de 2017.

BROSEGUINI, Eugenia Magna; NASCIMENTO, Lucileide Andrade de Lima do; PINEL, Hiran. Diversidade no acesso a informação: a fenomenologia na relação biblioteca, cegos e leitores. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO. 22, Brasília, 08-11 de jul. de 2007. **Anais...** Brasília: FEBAB, 2007.

BUENO, Silveira. **Silveira Bueno**: minidicionário da língua portuguesa. 2 ed. São Paulo: FTD, 2007.

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALÀCIOS, Jesús. **Desenvolvimento psicológico e educação**. 2. ed. Porto Alegre: Artemed, 2004. V. 3.

EQUALIS. **Estratégia muda tudo**. Disponível em: <https://www.equalis.com.br/blog/noticias/estrategia-muda-tudo.html>. Acesso em: 21 de dez. 2016.

FARES, Josebel Akel. O não lugar das vozes literárias da Amazônia na escola. **Revista Cocar**. Belém, PA, v.7, n. 13, p. 82-90, jan./jul. 2013.

FELIPPE, João Álvaro de Moraes. **Sobre a deficiência visual**. Disponível em: <<http://www.deficienciavisual.pt/txt-caminhandojuntos.htm>>. Acesso em: 17 de dez. de 2016.

FERRREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar**: 4. ed., ver. amp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

HEBRARD, Jean. O autodidatismo exemplar. Como Jamerey-Duval aprendeu a ler. In: CHARTIER, Roger (Coord.). **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

HOFFMANN, Sonia B.; SEEWALD, Ricardo. **Caminhar sem Medo e sem Mito: Orientação e Mobilidade**. 2003. Disponível em: < <http://www.bengalalegal.com/orienta>> Acesso em: 29 de jan. 2017.

JESUS, Patrícia Silva de. Livros sonoros: audiolivro, audiobook e livro falado. 2011. Disponível em: <http://www.bengalalegal.com/livros-sonoros>. Acesso em: 29 jan. 2017.

LEDOR. In: DICIO: **Dicionário da língua portuguesa**. 2017. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/ledor/>. Acesso em: 8 dez. 2016.

LIMA, J. Áudio-descrição: orientações para uma prática sem barreiras atitudinais. **Revista Brasileira de Tradução Visual**, v. 2, n. 2, 2010.

LIMA, Francisco José de. **Introdução aos estudos do roteiro para áudio-descrição**: sugestões para a construção de um *script* anotado. 2011. Disponível em: [www.associadosdainclusao.com.br/.../sites/all/.../08-introducao-ao-estudo-do-roteiro.doc](http://www.associadosdainclusao.com.br/.../sites/all/.../08-introducao-ao-estudo-do-roteiro.doc). Acesso em: 29 jan. 2017.

MACHADO, Regina. **Acordais**: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias. São Paulo: DCL, 2004.

MANGUEL, Alberto. **Con Borges**. Madrid: Alianza, 2004.

MARTINS, Joana Celia do Socorro Gomes de Andrade. **Lamparina para cegos**: literatura acessível na Amazônia. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Mestrado em Educação, Belém, 2016.

MARTINS, Joana Celia do Socorro Gomes de Andrade; FARES, Josebel Akel. **Lamparina Acesa**: literatura acessível. Disponível em: [http://www.ppgedufpa.com.br:7080/anpednorte/ANAIS ANPED NORTE compress ed.pdf](http://www.ppgedufpa.com.br:7080/anpednorte/ANAIS_ANPED_NORTE_compress_ed.pdf)>. Acesso em: 02 de jan. 2017.

MENEZES, Adélia Bezerra de. **Do poder da palavra**: ensaios de literatura e psicanálise. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

PEIXOTO, Raphael. **Você é um “Ledor”?** Saiba a diferença entre leitor e essa estranha classificação. 2013. Disponível em: <http://literatortura.com/2013/09/voce-ledor-saiba-diferenca-leitor-estranha-classificacao/>. Acesso em: 13 de nov. de 2016.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PETIT, Michèle. **A Arte de ler ou como resistir à diversidade**. São Paulo: Ed. 34, 2009.

SANTOS, Jaciete Barbosa dos. A Dialética da exclusão na história da educação de alunos com deficiência. **Revista da Faeeba- Educação e Contemporaneidade**, Salvador, p. 27- 44, 2002.

SANTANA, Ana Lúcia. **Contadores de histórias**. 2016. Disponível em: <http://www.infoescola.com/curiosidades/contadores-de-historias/>>. Acesso em: 18 de jun. 2016.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez. 2007.

SILVA, Luciene Maria da. **Qualquer maneira de ler vale a pena**: sobre leituras, leitores e leitores cegos. [2015]. Disponível em: <http://letrasportugues.grad.ufsc.br/files/2015/05/Qualquer-maneira-de-ler-vale-a-pena.pdf>. Acesso em: 13 de jan. de 2017.

SILVA, Luciene Maria da. **Subjetividades mediadas**: as relações entre leitores cegos e leitores [2006]. Disponível em: [http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes\\_anteriores/anais16/sem09pdf/sm09ss03\\_07.pdf](http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem09pdf/sm09ss03_07.pdf). Acesso em: 18 de jun. 2016.

SONZA, Andréa Poletto; SALTON, Bruna Poletto; CARNIEL, Everaldo. Tecnologia assistiva como agenda de inclusão de pessoas com deficiência visual. **Benjamin Constant**, Rio de Janeiro, v. 22, ed. esp, p. 6-20, 2016.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Capacitação de Leitores**: ENEM 2011. Disponível em: <http://slideplayer.com.br/slide/378635/>. Acesso em: 22 dez. 2016.

VOLUNTÁRIOS leem para deficientes visuais no Clube do Ledor. 02 abr. 2015. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4081307/>. Acesso em: 18 de fev. 2017.

WILBERG, Jorgen. **Be My Eyes**: app permite “emprestar” seus olhos a um deficiente visual. [2015]. Disponível em: < <http://www.hypeness.com.br/2015/01/be-my-eyes-app-permite-emprestar-seus-olhos-a-um-deficiente-visual/> >. Acesso em: 12 de jan. 2017.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**: Paul Zhumthor. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

## **APÊNDICES**



**APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO COM OS LEDORES**

DATA:

1. NOME:

2. IDADE:

SEXO:

3. ESCOLARIDADE:

( ) FUNDAMENTAL ( ) ENSINO MÉDIO ( ) SUPERIOR

4. QUANDO COMEÇOU SUA EXPERIÊNCIA COMO LEDOR PARA DEFICIENTES VISUAIS?

5. PARTICIPOU DE ALGUMA CAPACITAÇÃO OU ORIENTAÇÃO PARA LEDORES?

6. EM QUE SITUAÇÃO JÁ ATUOU COMO LEDOR?

7. DURANTE A LEITURA O OUVINTE COSTUMA FAZER ALGUMA PEDIDO? QUAL O MAIS COMUM?